

O USO DA *Cannabis sativa* PARA FINS MEDICINAIS

Quevellin Alves dos Santos

Aluna Não – Regular do Programa de Pós Graduação em Enfermagem

Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL, Alfenas -MG [Brasil]

RESUMO

A *Cannabis sativa* é citada em primeiro lugar de consumo dentre as drogas ilícitas. O uso da *Cannabis* e os efeitos dos seus princípios ativos são indicados em diversos tratamentos clínicos. Objetivo do presente artigo foi estudar a *Cannabis sativa* e seus derivados, para fins medicinais. Diante dos achados é nítida a urgência na condução de estudos clínicos sobre o tema, visto que as perspectivas científicas apontam os derivados da *Cannabis sativa* como uma opção de tratamento, melhorando a qualidade de vida e proporcionando finais de vida mais dignos para alguns pacientes.

Palavras-chave: *Cannabis sativa*; Canabidiol; Canabinoides; Tratamento; Medicinais

ABSTRACT

A cannabis sativa is cited first in consumption among illicit drugs. The use of cannabis and the effects of its dietary principles are indicated in several clinical treatments. The objective of this article was to study Cannabis sativa and its derivatives for medicinal purposes. In view of the findings, the urgency of conducting clinical studies on the subject is clear, since scientific perspectives point to the derivations of Cannabis sativa as a treatment option, improving a quality of life and providing more dignified endings for some patients.

Keywords: Cannabis sativa; Canabidiol; Cannabinoids; Treatment; Medicinal

INTRODUÇÃO

Em 1753, o botânico sueco Carolus Linnaeus cunhou o termo científico *Cannabis sativa* para a maconha (como é popularmente conhecida no Brasil). É uma das plantas mais antigas de que o homem tem conhecimento, com relatos de uso de mais de 4000 anos, quando foi mencionada na Farmacopeia Chinesa. A *Cannabis* se propagou da China à Índia, para o norte da África, chegando à Europa cerca de 500 anos depois de Cristo e por fim à América do Norte. As principais utilizações, na América eram

como fonte de fibras, empregadas para confeccionar cordas. Seu óleo era utilizado na fabricação de tintas, enquanto que as sementes eram usadas como ração para o gado (McGUIGAN, 2006).

Documentos históricos mostram que a maconha foi introduzida no Brasil na época das capitânicas, também com a utilização de suas fibras, porém estimava-se que a planta já fosse conhecida há mais tempo, pelos primeiros escravos, que a utilizavam como hipnótico, mostrando assim que a droga apresentava propriedades terapêuticas (MOREAU, 2008).

Apesar dos efeitos psicotrópicos e do risco de desenvolvimento da dependência pelo uso abusivo da *Cannabis*, existe um debate contínuo sobre a possibilidade de legalizar o uso da *Cannabis* para fins medicinais e descriminalizar o seu uso recreativo (CARVALHO; TAKAHASHI, 2014).

MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório, por meio de revisão bibliográfica. O trabalho foi realizado através das bases de dados LILACS, PUBMED e livros especializados selecionando cada artigo de forma seletiva, com intuito de optar pelos que mais se enquadrassem no tema proposto, assim como os que fossem mais atuais como forma de tornar esse estudo relevante ao meio científico. Para a busca de dados foram utilizados os seguintes descritores: *Cannabis sativa*; Canabidiol; Canabinoides; Tratamento; Mediciniais.

RESULTADOS

A eficácia do uso da *Cannabis sativa* para fins medicinais foi posta em prova no estudo aberto realizado em 1986 na África do Sul, que descreveu que doze pacientes internados em ambiente hospitalar tratados diariamente com 200 mg de canabidiol puro não responderam ao tratamento para convulsão. Na mesma direção, um estudo realizado na Grécia, apresentou relatos incompletos em que não foi observada diferença entre placebo e uso de canabidiol em pacientes com resistência a outros tratamentos para epilepsia (DEVINSKY *et al.*, 2014).

Em contrapartida o Simpósio “*Cannabis sativa L.* e Substâncias Canabinóides em Medicina”, pioneiro no Brasil reuniu em 2004 especialistas no assunto para discutir o uso medicinal da *Cannabis*, onde vários dos presentes relataram suas experiências na liberação do uso da *Cannabis* de forma medicinal, em países como Holanda, Nações Unidas e Áustria. Nestes países os avanços científicos deixaram evidentes suas vantajosas propriedades medicinais (CARLINI *et al.*, 2005).

Em um estudo realizado na Escola Paulista de Medicina, Cunha *et al.* (1980) avaliaram o efeito do canabidiol em 15 indivíduos com diagnóstico de epilepsia focal temporal com generalização secundária. Durante quatro meses, oito destes receberam 200 a 300 mg de canabidiol e os outros receberam placebo. Quatro dos indivíduos que receberam canabidiol ficaram livres de crises, três melhoraram e em um a substância não modificou as crises epiléticas. Os sete indivíduos que receberam placebo ficaram com suas crises inalteradas (CUNHA *et al.*, 1980).

Já são conhecidas várias possibilidades de uso medicinal para a *Cannabis* entre elas está sua capacidade sedativa e musculo relaxante, capaz de não só potencializar a ação de opioides, diminuindo seus efeitos colaterais em portadores de dor crônica como também de restaurar o apetite e o controle das náuseas e vômitos. Seu uso medicinal, apesar de dúvidas e restrições, hoje é permitido em alguns estados americanos e em países como Holanda e Bélgica, para aliviar sintomas relacionados ao tratamento de câncer, AIDS, esclerose múltipla e Síndrome de Tourette (MALCHER-LOPES; RIBEIRO, 2007).

As legislações brasileiras acabam por engessar a possibilidade de aprofundamento ou de ampliação de pesquisas. Diante dos achados é nítida a urgência na condução de estudos clínicos sobre o tema, visto que as perspectivas científicas apontam os derivados da *Cannabis sativa* como uma opção de tratamento, melhorando a qualidade de vida e proporcionando finais de vida mais dignos para alguns pacientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLINI, E.A.; RODRIGUES, E.; GALDURÓZ, J.C.E. *Cannabis sativa* L. e substâncias canabinóides em medicina. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas, 2005.
- CARVALHO, R.C.; TAKAHASHI, N. A maconha aumenta vulnerabilidade a opioides em animais de laboratório. **Revista da Biologia**. 2014. 13(1): 11–19 [DOI: 10.7594/revbio.13.01.02].
- CUNHA, MJ; CARLINI, EA; PEREIRA, AE. Chronic administration of cannabidiol to healthy volunteers and epileptic patients. **Pharmacology**. 1980; 21: 175-185.
- DEVINSKY, O., CILIO, M.R., CROSS, H., FERNANDEZ-RUIZ, J., FRENCH, J., HILL, C., KATZ, R., DI MARZO, V., JUTRAS-ASWAD, D., NOTCUTT, W.G., *et al.* Cannabidiol: Pharmacology and potential therapeutic role in epilepsy and other neuropsychiatric disorders. **Epilepsia**. 2014.
- MALCHER-LOPES, R.; RIBEIRO, S. *Maconha, Cérebro e Saúde*. RJ, Vieira & Lent, 2007.

MCGUIGAN, M. CANNABINOIDS. In: GOLDFRANK, L.R. et al. Toxicologic emergencies. 8.ed., Nova York: McGraw-Hill, 2006.

MOREAU, R.L.M. Cannabis. In: OGA, S. Fundamentos de Toxicologia. 3.ed., São Paulo: Atheneu, 2008, p.435–445.